



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Visuais
Curso de Licenciatura em Artes Visuais

**CLEMILTON PINHEIRO DA SILVA: ARTE E PAISAGENS
REGIONAIS**

GUTIERRY EXMITE RIBEIRO DE SOUZA

Sena Madureira/AC
2017



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Visuais
Curso de Licenciatura em Artes Visuais

GUTIERRY EXMITE RIBEIRO DE SOUZA

**CLEMILTON PINHEIRO DA SILVA: ARTE E PAISAGENS
REGIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, como pré-requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Ms. Clerismar Aparecido Longo

Sena Madureira/AC
2017

CLEMILTON PINHEIRO DA SILVA: ARTE E PAISAGENS REGIONAIS

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, como pré-requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Clerismar Aparecido Longo (UnB)
Presidente

Prof. Dr. Nelson Fernando Inocêncio Silva (IdA/UnB)
Membro examinador

Profa. Ms. Raquel Nava (UAB/UnB)
Membra examinadora

Ficha catalográfica elaborada pelo autor

Souza, Gutierry Exmite Ribeiro, 2017.

Clemilton Pinheiro da Silva: arte e paisagens regionais /
Gutierry Exmite Ribeiro de Souza; Orientador Clerismar Aparecido
Longo. -- Brasília, 2017.

35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
em Artes Visuais) -- Universidade de Brasília, 2017.

Este trabalho é dedicado primeiramente a Deus e a todas as pessoas que contribuíram para o sucesso dele, principalmente aos professores desta longa caminhada, e ao meu orientador Clerismar Aparecido Longo, ressaltando também o apoio total da minha família, em especial meus pais, Zenilza de Paula Ribeiro Souza e Antonio Verçoza de Souza.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me capacitado e concedido forças durante essa longa caminhada, grato pela compreensão dos meus familiares que sempre acreditaram e incentivaram a continuar em frente. Grato também ao meu orientador, Clerismar Aparecido Longo, que me conduziu a um excelente trabalho, sempre usando de sua paciência dando as orientações corretas, o mesmo foi de grande contribuição para realizar esse trabalho, com firmeza e sabedoria me instigou a dar o meu máximo, encorajando ao sucesso.

Grato à minha professora Núcia Sabóia que, no decorrer do curso, foi uma excelente professora, sempre prestativa e colaboradora, não mediou esforços para ajudar, pelo contrário sempre esteve disposta a contribuir com o seu conhecimento. Profissional capacitada que levava toda a turma a dar o seu máximo, para obter um resultado ótimo na realização dos trabalhos propostos. Meus sinceros agradecimentos a esta Arte/educadora, pela sua ajuda durante esta jornada na Faculdade.

Aos meus amigos que foram incentivadores, em especial ao meu colega de classe, o acadêmico Antonio Leite, que durante toda a caminhada acadêmica, ajudávamos um ao outro, sempre perseverando nas adversidades; também a forte e guerreira Cheyla, dando suporte em todas as entrevistas que precisava ser concretizada, enfrentava as dificuldades comigo, mais sempre que acionava seu nome, sua resposta era positiva para ajudar. Obrigado!

Entre amigos, professores e orientador, existem duas pessoas em especial que devo toda gratidão, são meus pais, Antonio e Zenilza, presenciaram todo processo percorrido, desde o começo da entrevista a etapa final. Os momentos mais difíceis, foram eles que estavam me apoiando, do financeiro ao emocional não abriram mão do meu sucesso, isso porque o meu sucesso também se tornava o deles, eles que nunca me deixaram desistir, que viram minha tristeza quando não conseguia resolver as coisas e mesmo com

tudo isso davam força para que eu continuasse. Meus sinceros agradecimentos aos meus heróis.

Por fim, não posso esquecer-me de agradecer a todos os professores que me desafiavam a superar as minhas limitações, ao Lineker e a Valcione pela sua ajuda neste processo. Obrigado a todos pelas suas colaborações! Valeu a pena cada noite mal dormida, dias de plena leitura e dedicação na realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre a experiência de Clemilton Pinheiro da Silva com o campo das artes plásticas. Teve como propósito analisar a produção do referido artista plástico, por meio de suas telas, as quais revelam a natureza e a arte local do interior do Acre, mais especificamente Sena Madureira. O trabalho foi desenvolvido dentro do quadro da pesquisa qualitativa, tendo como perspectiva teórico-metodológica a história oral, por meio entrevista e a análise de telas, entendendo-as enquanto representações subjetivas da realidade exterior percebida. Tais representações revelam a maneira como o artista, dentro do contexto histórico e cultural no qual foi socializado, ressignifica o mundo em suas telas, a partir de suas próprias categorias mentais.

Palavras-chave: Artes plásticas, Clemilton Pinheiro da Silva, Representação, Cultura, Sena Madureira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Indígena com uma criança no colo na beira de um caminho observando um jabuti ..	13
Figura 2: Memorial dos Autonomistas Teatro Hélio Melo.....	17
Figura 3: Casa dos Povos da Floresta	17
Figura 4: Usina das Artes.....	18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - A ARTE REGIONAL ACREANA NO CONTEXTO NACIONAL	12
1.1 Momentos mais produtivos no Acre em relação à arte (década de 70 e 80).....	14
1.2 Arte no Município de Sena Madureira.....	16
CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	21
CAPÍTULO III - PAISAGEM LOCAL E VIDA DO ARTISTA CLEMILTON PINHEIRO DA SILVA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como propósito analisar a produção do artista plástico Clemilton Pinheiro da Silva que, em suas obras de arte, representa as paisagens de sua região, estado do Acre. Seu olhar sensível e sua subjetividade enfatizam a arte local como forma de apreciação às paisagens regionais do estado, uma leitura que expressa as singularidades naturais e regionais.

A produção do artista, no contexto regional e nacional, dá visibilidade à natureza e à produção local como algo espetacular. Seu objetivo é retratar os animais de sua região, o meio ambiente e a relação do ser humano com os mesmos. Por meio das telas do artista, percebe-se uma produção que mescla cores fortes, que trazem um impacto de vida maior, e um jogo de luz e sombras em suas produções.

Ademais, o artista plástico Clemilton Pinheiro da Silva retrata a atualidade das paisagens regionais e a arte local, enfatizando também o desprezo de muitos pela arte e a pouca valorização na sua cidade.

Tendo em vista o exposto, esta pesquisa teve como objetivo compreender como, por meio das artes plásticas, a natureza e o contexto artístico é representada pelo artista, a partir de sua leitura de mundo. As telas, nesse sentido, são concebidas enquanto representações da realidade exterior percebida. Busquei também esclarecer a importância de se trabalhar a produção local no ensino, como forma de conhecer e valorizar o trabalho local.

CAPÍTULO I - A ARTE REGIONAL ACREANA NO CONTEXTO NACIONAL

Em 15 de junho de 1962, o Acre foi elevado à categoria de estado. O momento mais produtivo no Acre em relação à arte se deu na década de 70 e 80 do século XX. A exposição de pinturas de artistas da região causava um significativo impacto, iniciando um período pouco conhecido no que se refere à produção da arte, sua visibilidade e a busca de sua valorização frente à concepção hegemônica de arte. Os próprios acreanos desconheciam as produções de sua região.

A produção artística local acreana representa a singularidade cultural da região, amalgamando passado e presente; como também representa as tradições, a história e as identidades, que, segundo Stuart Hall (2005), expressam modos de pensar e agir específicos de determinados lugares, formando uma cultura própria reivindicada, afirmada e reafirmada pelas várias manifestações culturais.

Diante o exposto, compreendo que a formação dos artistas acreanos está ligada à formação da própria história e, uma cultura híbrida desdobrada pelo contato entre indígenas locais, pessoas de outras regiões e outros países, criando um ambiente propício para a criação de novas identidades, dada as crenças, hábitos, religiões e representações de mundo que cada grupo/sujeito carrega.

O contato entre povos de diferentes culturas têm como desdobramento a circularidade cultural, processos de identificação, apropriação de sentidos e ressignificação da realidade, que se expressam por meio de representações sociais, e dentre estas situam-se as artes plásticas, como uma forma de dar a entender e inscrever sentidos sobre o mundo, a partir das próprias categorias mentais do sujeito produtor, nessa relação que ele estabelece com outros sujeitos, outros grupos sociais, com a natureza, ou seja, com a realidade exterior percebida, conforme pode ser

observado na obra do artista plástico Clemilton Pinheiro da Silva, quando, em uma de suas telas temáticas, retrata uma indígena com uma criança no colo na beira de um caminho observando um jabuti.



Figura 1: Tela 1
Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva

É inegável, e isto está na própria raiz da formação das identidades brasileiras, a contribuição cultural dos índios. Antes da chegada dos europeus no Brasil, havia aqui uma sociedade indígena organizada a partir de uma outra lógica cultural presente na alimentação, adornos, danças, línguas, rituais, sabedoria e conhecimento sobre a diversidade biológica, concepção de vida, religiosidade, e também na arte. Esta, inscrita nas pinturas corporais, na cerâmica, máscaras, vestes etc. expressavam e expressam a própria concepção de mundo social da qual os índios fazem parte, uma cultura que, em nossa contemporaneidade, em grande parte, teve influência de outras culturas vindas da Europa e da África, o que teve como desdobramento a produção de novas identidades no Brasil. Pessoas de outras regiões do Brasil, por meio dos processos migratórios, em especial com a exploração dos seringais, trouxeram um pouquinho da sua cultura

para o estado do Acre, contribuindo para a formação de uma cultura híbrida, conforme a concepção de Néstor García Canclini (2003, p. 22):

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico e comunicacional.

Determinadas culturas locais se formam através da mistura de diferentes grupos étnicos. Estes carregam seu arsenal cultural – presentes nos artefatos, saberes, modos de ser e de pensar etc –, que passam a ser socializados e apropriados ora por meio de processos de identificação, ora via relações de força, quando determinados grupos tendem a impor sua concepção de mundo a outros grupos sociais, o que revela que as identidades, conforme ponderado por Hall (2003), não são de modo algum “puras” ou “autênticas”, visto que não são isentas de misturas, pois todos os povos, de alguma maneira, voluntariamente ou não, estabelecem relações de trocas na composição de suas identidades culturais, como pode ser observado na própria construção das identidades regionais no Acre – uma mistura composta da contribuição de culturas de outras regiões do Brasil, através da migração, principalmente no período do auge da borracha, entre 1879-1912 e 1942-1945, e da cultura indígena. A arte, nesse contexto histórico e cultural, enquanto um processo de produção subjetiva, que tem como matéria prima a realidade exterior percebida, expressa os traços sinaléticos da natureza e da cultura, a partir do olhar do sujeito observador/produtor.

1.1 Momentos mais produtivos no Acre em relação à arte (década de 70 e 80)

A década de 1970 foi o marco para o início da visibilidade da arte acreana no contexto nacional. Grandes artistas começaram a surgir, entre eles, um dos mais conhecidos mundialmente, o famoso artista plástico,

historiador e escritor, Hélio Melo. No campo das artes, o Acre passou a ser visto com outros olhos, pois grande parte da sociedade brasileira tinha uma visão estereotipada sobre a região norte, vista como atrasada no campo cultural, político, econômico e social. Ademais, a produção cultural dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo e países da Europa tinham maior visibilidade.

Santana (2014, p. 3) afirma que é:

(...) na década de 1970 que as artes plásticas irão alcançar mais visibilidade, com exposições do próprio Garibaldi, de Rodolfo Balder e de Hélio Cardone. Em 1977, após a I Exposição Acreana de Artes Plásticas, outros artistas irão se destacar, como: Francesco Di Giorgio, Raul Velásquez, Dalmir Ferreira, Genésio Fernandes, Jader Damasceno e Kasal, entre outros. Em 1979, acontece o I Salão Universitário de Artes Plásticas, que teve a participação de Hélio Melo, Tristão Cavalcanti e Danilo de S'Acre, entre outros. E, no início da década de 1980, acontece a II Exposição Acreana de Artes Plásticas, que destaca Janete Pacheco, entre outros. [...] Nesse período, vale destacar a atuação de dois artistas, Dalmir Ferreira e Hélio Melo.

Na década de 70, as artes plásticas começava ter uma visibilidade maior por parte dos observadores, isso devido às exposições realizadas pelos próprios artistas da época, dos quais dois artistas se destacaram mais, Dalmir Ferreira e Hélio Melo. As obras de Hélio Melo, até os dias atuais, ainda são uma atração, na capital do estado, Rio Branco.

Em 1980, a dança e o teatro ganharam um enorme impulso no Acre, principalmente na capital do estado. O teatro acreano, no período de 1970 e 1980, passa a ocupar diversos bairros e instituições em Rio Branco e chega a outras grandes cidades brasileiras. Naquele período, maior parte das produções artísticas - teatro, música, literatura, cinema - estava ligada a questões políticas e ambientais, quais sejam: exploração social, ditadura civil militar; biodiversidade, exploração da natureza, relação dos seringueiros com o extrativismo.

A região acreana tem suas particularidades, pois a mesma foi construída a partir de povos que chegaram aqui de diversos lugares do país e do mundo e, ao amalgamarem saberes, tradições e modos de ver o mundo, construíram novas identidades. Identidades que, segundo Hall (2003), nascem da fusão, do entrelaçamento das diferenças étnicas. No Brasil, esse entrelaçamento se deu por meio do contato, do intercâmbio entre indígenas, europeus e africanos, formando assim culturas híbridas que, em nossa contemporaneidade, podem ser percebidas na culinária, música, artesanatos, religiosidades etc.

Para Canclini (2003, p. 21),

A mistura de colonos espanhóis e portugueses, depois ingleses e franceses, com índios americanos, aos quais foram adicionados escravos traduzidos da África, voltou à mestiçagem um processo fundamental nas sociedades do chamado Novo Mundo.

Quando esses povos se encontram em um determinado espaço (região), trocam saberes, experiências, técnicas, conhecimentos etc, que passam a ser apropriados pelos sujeitos, tendo como desdobramento a singularidade cultural de uma comunidade. A arte é uma forma de expressar as singularidades culturais de um povo, pois permite também dar visibilidade, enquanto representação da realidade, aos traços sinaléticos de uma determinada cultura, o que podemos observar quando olhamos as telas de determinados artistas acreanos, que tem como matéria prima o próprio cotidiano do qual eles fazem parte.

1.2 Arte no Município de Sena Madureira

As artes plásticas, enquanto representação, a depender do olhar do artista, expressam realidades naturais e culturais de uma região, o que pude observar por meio das telas de artistas acreanos, a exemplo dos artistas Hélio Melo e Clemiton Pinheiro da Silva. As representações inscritas em suas telas,

que conjugam imaginação, experiência, observação da natureza e do cotidiano, subjetividade e sensibilidade, ressignificam a realidade exterior percebida e propõe ao público receptor um novo olhar sobre a realidade local. Nesse sentido, a arte é um meio, dentre tantos outros, de conhecer o mundo e a complexidade das relações que o ser humano estabelece com a natureza e com o outro. Por esse viés, tais artistas exploram realidades como a dos seringais e a vida dos seringueiros (Hélio Melo); o meio ambiente, a cultura indígena, os animais (Clemilton Pinheiro da Silva).

Em sua grande maioria, as manifestações artísticas no Acre são expostas em locais como o Teatro Hélio Melo, Casa dos Povos da Floresta, Usina de Artes, ressaltando também suas exposições em oficinas e circuitos itinerantes, saraus, aberturas de feiras e eventos científicos e culturais.



Figura 2: Memorial dos Autonomistas Teatro Hélio Melo
Fonte: Gutierrez Exmite Ribeiro De Souza (2017)



Figura 3: Casa dos Povos da Floresta
Fonte: Gutierrez Exmite Ribeiro De Souza (2017)



Figura 4: Usina das Artes
Fonte: Gutierry Exmite Ribeiro De Souza (2017)

Quanto às manifestações culturais locais da cidade de Sena Madureira, são poucas praticamente. Mas existem manifestações artísticas que agregam o jeito humilde e festivo do município, a saber: os festivais de quadrilhas, apresentações de cantores locais em eventos agropecuários, festival do mandi, o tradicional arraial da igreja católica, que ocorre durante o mês inteiro de Maio, são alguma das manifestações culturais persistentes no município. É perceptível o pouco incentivo ao desenvolvimento das artes – artes plásticas, literatura, música, teatro – no município, resultado do pouco investimento em políticas públicas de incentivo ao campo, como também na formação de arte educadores, com formação específica, para atuarem nas escolas públicas e privadas, em museus e locais de exposições artísticas. Sendo assim, é preciso se preocupar como a arte é ensinada, pois a falta de preparação dos profissionais levam os discentes a compreenderem que essa linguagem se resume em um único conceito – “Desenho”. O ensino de artes requer do profissional formação crítica, pedagógica e técnica. Não se deve delegar essa função a outro profissional, de outra área, como ocorre em muitas escolas no interior dos estados. No estado do Acre, por exemplo, há pouquíssimos profissionais com formação em artes para atuar no ensino,

o que pode resultar, por parte dos alunos, em uma compreensão empobrecida dessa área de conhecimento.

Quando tratamos de assuntos que englobam artes, culturas e suas manifestações na sociedade, seus argumentos não são compreendidos pelas autoridades que deveriam lutar pelo desenvolvimento da arte e cultura no município. Se não há influência, logo não existem investimentos nesse campo, mesmo porque o campo das artes não tem sido levado muito a sério, por grande parte dos brasileiros. São poucas as propostas, por exemplo, do uso de imagens em aulas de artes, questão que foi observada por Barbosa (2008, p. 13) em São Paulo:

Mesmo nas escolas particulares mais caras a imagem não é usada nas aulas de arte. É como ensinar a ler sem livros na sala de aula. Em São Paulo há somente duas escolas que usam regularmente imagens nas salas de aulas de arte. A primeira é uma escola para a elite que usa a imagem num convencional curso de história da Arte para alunos do 2º grau. A segunda é uma escola particular preferida pelos intelectuais para suas crianças que incorpora a gramática visual, a história e a prática. (BARBOSA, 2008, p.13).

Para que a arte possa ser mais valorizada é necessário que haja mais investimento por parte do governo, em políticas de fomento que desperte o interesse da população, e na formação de arte educadores, para que os alunos tenham acesso a um conhecimento crítico do assunto. Além disso, é necessário maior esforço dos profissionais da educação, no desenvolvimento de projetos nas escolas que valorizem a produção artística local. Convidar um artista local para ir a escola falar e expor um pouco da sua arte, já é um bom começo; incentivar e levar os alunos para visitar museus, exposições ou pesquisar sobre intervenções urbanas renderiam bons frutos. É necessário colocar o aluno em contato com esse universo, e isso é possível por meio de pequenos projetos que podem ser desenvolvidos nas próprias escolas. No Acre, há muitos artistas que não são valorizados pela população local, visto que, muitos alunos e até mesmo alguns professores têm uma imagem estereotipada e hierarquizada das artes, agregando maior valor aos artistas que têm visibilidade nos meios

mediáticos, em sua grande maioria são artistas e produções dos grandes centros urbanos, o que acaba colocando em segundo plano a beleza artística produzida em outras regiões. Explorar as telas de Hélio Melo e Clemilton Pinheiro da Silva, trazendo-as enquanto objeto de estudo para dentro das escolas, seria uma maneira não só de valorizar a arte local à contrapelo da concepção hegemônica de arte, mas também de fazer com o que os discentes aprendam um pouco sobre a cultura local por meio dessas telas.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Em primeiro plano, a construção do trabalho de curso teria como linguagem a Intervenção Urbana, onde seria abordado o índice de acidentes no trânsito. Por meio de intervenções urbanas, performances e imagens artísticas, buscaria uma forma de conscientizar as pessoas sobre a importância da educação no trânsito, como estratégia para diminuir os riscos de acidentes e mortes. Por questões de prazo, dado o curto tempo para desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso, vimos que não seria viável. Então, decidimos abordar as representações da natureza e da cultura locais, por meio de telas artísticas de um artista plástico de Sena Madureira, Clemilton Pinheiro da Silva.

O presente trabalho se enquadra no campo da pesquisa qualitativa. Denise Tolfo Silveira e Fernanda Peixoto Córdova (2009, p. 31), ao parafrasear Goldenberg, enfatiza que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

Tal perspectiva foi adotada, por se tratar de uma pesquisa que aborda uma experiência social – a experiência da produção subjetiva das artes plásticas de Clemilton Pinheiro da Silva, que tem como matéria prima de suas produções a própria realidade na qual está inserido: a natureza, a cultura, o cotidiano interiorano do Acre representados em suas telas.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, adotei a metodologia da história oral, por meio entrevista. Para Alberti (1989, p. 52), a história oral é

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.

A entrevista com Clemilton Pinheiro da Silva foi de grande importância na realização desta pesquisa, pois possibilitou relacionar suas falas com a produção de suas telas, na tentativa de analisar os significados inscritos nas representações artísticas produzidas por esse artista.

Em uma entrevista marcada com o artista plástico, ele relatou um pouco da sua história de vida, sua relação com a arte, um pouco da história de suas produções, sua criatividade e subjetividade nas criações das telas.

Após realização da entrevista gravada, fiz a transcrição/degravação do áudio para melhor análise dos dados. Desta feita, para melhor abordagem do tema, fotografei as telas do artista, relacionando estas com a entrevista e as analisei por meio de noções teóricas, quais sejam: culturas híbridas, representações, Arte Naif, levando em consideração o contexto de produção do artista.

Partimos do pressuposto que o artista, ao produzir suas telas, expressa representações sobre a realidade exterior percebida, na relação que ele (o artista) estabelece com o mundo. A realidade – natureza, cotidiano, manifestações culturais – são matéria prima para o artista produzir suas telas. Estas, enquanto inscrição subjetiva de significados sobre o real, guarda com este uma relação de aproximação e distanciamento, visto que não é uma cópia mimética da realidade, mas uma maneira de vê-la e dar sentido a ela. Nas palavras de Sandra Jatahy Pesavento (2006, p. 5), as “Representações são presentificações de uma ausência, onde representante

e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento”. Por esse viés, entendemos que as obras de Clemilton é uma representação da natureza, de paisagens cotidianas de “pessoas simples”, da cultura regional. Por meio de sua arte, ele exterioriza uma forma de leitura do mundo, traduzida em imagens. Sobre essa questão, Pesavento (2006, p. 5) afirma que, por meios das representações,

Os homens elaboram ideias sobre o real, que se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não só qualificam o mundo como orientam o olhar e a percepção sobre esta realidade.

As obras de arte aqui abordadas serão entendidas enquanto Arte Naïf. Segundo João Vicente Ganzarolli de Oliveira (1998, p. 47), A Arte Naïf

Nos remete ao aspecto livre, não acadêmico, que caracteriza o produto realizado. A arte naïf pode ser reconhecida pelo autodidatismo dos seus adeptos, assim como pela sua liberdade relativa a escolas e tendências estilísticas. Também o caracterizam o realismo voltado predominantemente para a natureza, que por sua vez se vê idealizada de forma idílica; uma tonalidade mística costuma dominar o cenário, em que não raro a ênfase representativa recai mais sobre o detalhe que sobre o todo. Nota-se ainda que a expressividade naïf tende a se limitar ao universo pessoal do artista.

Conforme poderemos observar nas telas de Clemilton Pinheiro da Silva, este artista tende a representar a realidade imediata da sua vida, a realidade que lhe está mais próxima, sem se preocupar muito com as tendências artísticas de sua época e com o conhecimento artístico acadêmico, mesmo porque não teve formação acadêmica na área.

CAPÍTULO III – PAISAGEM LOCAL E VIDA DO ARTISTA CLEMILTON PINHEIRO DA SILVA

Clemilton Pinheiro da Silva, mais conhecido pela população como Milton Pinheiro, é um artista Plástico, de nacionalidade brasileira, que nasceu no dia 19 de julho de 1969, atualmente com 48 anos de vida, habitante da cidade de Sena Madureira, a 3º maior do estado do Acre. Nasceu no seringal repouso, no rio Macauã, zona urbana do município, sempre morou no município de Sena Madureira. Começou a se interessar pela arte porque tinha certa facilidade em fazer traços, rabiscos, algo que desse formato e vida às suas obras. Com 18 anos de idade, começou a pintar na escola, a admiração dos colegas e professores incentivaram Milton a dar continuidade no processo artístico, por ter reconhecimento dos colegas e professores, e por apresentar qualidade em suas produções.

Não tendo formação específica em qualquer área das artes, somente Ensino Médio, este artista plástico aprendeu a produzir sozinho, com ajuda de vídeos, onde eram ensinados traços e técnicas de produção de desenhos e de quadros. Chegou a prestar vestibular para o curso de Artes Visuais, mas não passou, porém isso não o fez desistir de continuar a produzir suas telas. A maior parte dos quadros é produzida sob encomenda. No início, suas obras eram mais para exposições. Porém, com o passar do tempo, dado o interesse pelas telas, muitas pessoas começaram a encomendá-las. Muitos dos seus quadros estão hoje nas paredes de famílias da cidade de Sena Madureira; na capital do estado, Rio Branco, dentre outras cidades.

Clemilton sempre procura usar os materiais que lhes são recomendados na produção artística: acrílicos; pincéis de alta qualidade, para que a arte fique bonita. Um dos artistas que mais lhe inspira nas produções é Leonardo da Vinci: *“olha um dos artistas profissionais que foi, sem dúvida, um dos melhores do mundo, chama-se Leonardo da Vinci, me*

atrai pela perfeição da arte que ele criou, ele descobriu as formas do corpo humano, originando tudo que ele queria pintar”.

Em 2015, Clemilton Pinheiro participou de uma exposição na cidade de Sena Madureira, onde pôde mostrar suas telas ao público, o que, segundo ele, foi muito produtivo, pois as pessoas começaram não só a se interessar por suas obras, o que serviu de incentivo para as futuras produções, como também pôde ouvir as impressões que os outros tiveram de suas telas. A partir desse momento, começou a receber convites para levar seus quadros a outras exposições, inclusive, em Rio Branco. Nessa exposição de 2015, conseguiu vender 30 telas.

A primeira apresentação pública relacionada ao seu trabalho aconteceu na Praça 25 de Setembro, em Sena Madureira, na comemoração do aniversário da cidade, quando recebeu o prêmio por melhor artista da cidade, Destaque pela Rádio Difusora de Sena Madureira.

Para o referido artista, *“a arte é aquela que você cria, que você inventa. Aquilo que você se aproveita de outros artistas é cópia, plágio, réplica, então, pra mim, não é arte. Arte é aquilo que você cria, coloca sobre uma superfície uma coisa que não existia, isso sim é arte”.* A matéria prima de suas obras é a própria paisagem natural de sua região, o cotidiano das pessoas, a cultura regional, que passa a ser ressignificada pelo seu olhar.

A preferência por retratar a natureza em suas telas, segundo as próprias palavras do artista, se dá por ver nela a perfeição divina, a beleza, *“Por isso sempre procuro destacar paisagens naturais em minhas criações, as cores fortes são essências para dar vida, sombra, luz, dar um realismo.”* (Clemilton Pinheiro da Silva, 2017).

Como podemos observar em suas falas, as telas de Clemilton expressam esse imediatismo da vida e do ambiente que lhe é mais próximo, assim como na arte naïf. Sem preocupação com noções acadêmicas de produção artística, o referido artista plástico produz suas obras de forma livre

e com um toque de realismo em sua produções, conforme pode ser observado nas telas abaixo:



Tela 2

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)

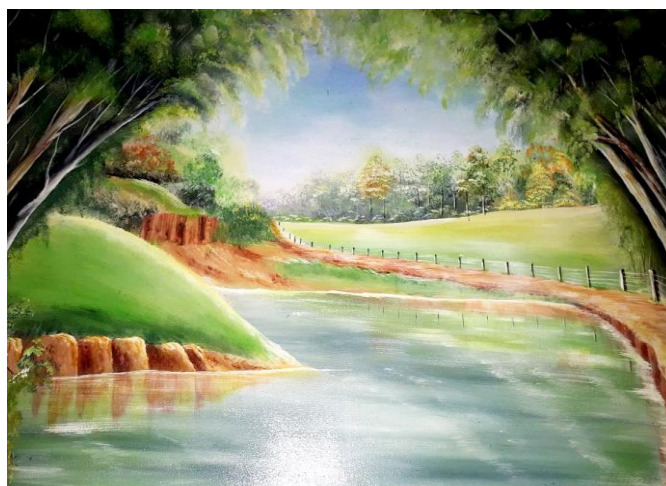


Tela 3

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 4
Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 5
Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 6
Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)

A tela 6 fala um pouco da relação dos acreanos com a natureza, dos processos migratórios de nordestinos para essa região, quando, fugindo da grande seca no nordeste, em 1877, vieram para a região norte, embrenhando-se nas matas e sangrando os seringais, em busca de melhoria de vida. Segundo Silveira e Galvão (2010, p. 59), o clico da borracha teve início em fins do século XIX, e muitos nordestinos que se espalharam pelas florestas da região norte tinham como objetivo ganhar dinheiro para depois voltar para a terra natal. Muitos deles, não conseguiram voltar para o nordeste, fincaram raízes no norte, onde reconstruíram suas vidas e suas identidades.



Tela 7

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 8

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 9

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)

As três últimas telas, 7, 8 e 9, nos remetem à cultura indígena, ao intercâmbio cultural, resultado dos contatos entre índios e brancos, quando da chegada dos europeus, cujas identidades, tanto a dos índios, quanto a dos europeus, que nas terras brasileiras chegaram, foram transformadas, constituindo novas identidades, via hibridização cultural. A tela 7, que mostra uma índia com uma criança no colo, no meio de uma estrada observando um jabuti, sinaliza os desdobramentos históricos, muitas vezes agressivos, da exploração dos europeus nas terras brasileiras, com a abertura de estradas para transporte, modificando a paisagem natural. Ao longo do tempo, muitos índios, ao se apropriarem da lógica econômica e cultural importada dos europeus, foram também transformados. Hoje, há muitos índios que saíram de suas aldeias e passaram a servir de mão de obra de grandes empresários, fazendeiros, além de ocuparem-se de outras atividades “estranhas” à sua cultura.

As telas 8 e 9 nos remetem a um meio de transporte muito comum no norte, a canoa. Quando os europeus chegaram no Brasil, os índios já utilizavam canoas/igaritês, para as mais diversas atividades: transporte, pesca, guerras etc.

Segundo Abner (2015, p. 34),

[...] a necessidade de embarcações não surgiu com a colonização. Muito antes de os europeus sonharem com a

região que ficaria conhecida como Amazônia, e mesmo com o continente americano, os povos nativos da região já utilizavam dos rios para as mais diversas necessidades, como locomoção, pesca e guerra, entre outras.

O mesmo autor sinaliza que, a partir da “colonização” no século XVII, os europeus trouxeram seus conhecimentos de técnicas e ferramentas, advindos da experiência com a construção naval. Aqui, no Brasil, amalgamaram os conhecimentos indígenas com as técnicas europeias de construção, transformando as embarcações indígenas, tornando-as híbridas.

Sobre essa questão, pontua Abner (2015, p. 34),

Para isso, os portugueses vão se utilizar dos conhecimentos indígenas concernentes à fabricação de embarcações, unindo técnicas e ferramentas. Os machados de pedras são, aos poucos, substituídos pelos de ferro, o que potencializa o trabalho e permite resultados mais rápidos. Às canoas pequenas e rústicas, feitas com casca de árvore, são acrescentados outros materiais, como as tábuas curvas laterais.

Ainda hoje, as canoas são muito utilizadas na região norte. No Acre é muito comum as pessoas usarem a canoa para pesca, passeio, e para travessia de rios, conforme pode ser observado na imagem abaixo:



Porto da Catraia

Fonte: Gutierrez Exmite Ribeiro de Souza (2017)

Partindo das telas acima mencionadas, podemos dizer que a riqueza da arte brasileira, incluindo aqui a arte naïf, nasce do cruzamento de diferentes etnias e dos artistas que nasceram desse cruzamento, que criam e

recriam a realidade em suas telas, transformando-as em representações que inscrevem significados sobre o mundo. Nas pinturas de Clemilton Pinheiro percebemos uma tendência em representar as paisagens naturais – animais, árvores, floresta, frutos etc – de forma colorida e vigorosa. Para Maria Helena Sassi Freitas (2011, p. 36), uma estudiosa da arte naïf, ao parafrasear Spinelli, diz que essa pinturas “traduzem o imaginário do povo e apresentam ‘aspectos prosaicos, descritivos, simbólicos’, além do ‘caráter mitológico do inconsciente’”.

Abaixo, algumas telas do artista, onde representa paisagens naturais:



Tela 10

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 11

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 12

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)



Tela 13

Fonte: Clemilton Pinheiro da Silva (2017)

A arte de Clemilton Pinheiro da Silva caracteriza-se como arte naïfe, por retratar de forma simples, sem conhecimento acadêmico e sem se adequar a determinados movimentos artísticos, o mundo imediato que lhe cerca. “Sua acepção original designa aquilo que é nato, natural. Caracteriza-se pela espontaneidade e se opõe ao que é artificial” (VICENTE, 1998). Não por acaso, em suas obras, percebe-se a presença constante de representações sobre a natureza, revelando as belezas naturais que lhe cercam. Além disso, suas telas não deixam de dar ênfase à cultura local, presente na prática da extração da borracha, revelando a relação que o homem estabelece com a natureza; na produção de canoas híbridas, dado o intercâmbio cultural entre europeus e índios, dentre outros temas que nos remete à cultura e à história de nossa região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito discutir como a região do interior do Acre – sua natureza e cultura – é representada nas telas de Clemilton Pinheiro da Silva, um artista plástico da cidade de Sena Madureira, que começou a pintar seus primeiros quadros nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Utilizando-se de um estilo próprio, considerado por muito como arte naïf, o artista plástico dá ênfase, em suas produções, à natureza, aos índios, aos animais e ao cotidiano das pessoas de sua localidade.

Este trabalho foi enriquecedor, pois permitiu-me conhecer um pouco da arte e da cultura da minha região. Permitiu-me perceber o quanto nossa arte, aqui de Sena Madureira, não é valorizada, por questão de falta de incentivo à formação de artistas e arte educadores, e devido à própria hierarquia que se construiu em torno dos objetos artísticos, sendo mais valorizados aqueles que têm grande visibilidade nos meios midiáticos.

Acredito que as telas dos nossos artistas, como as de Clemilton Pinheiro e Hélio Melo, dizem muito sobre nossa cultura, nossa história, podendo ser apropriadas pelas escolas nos processos de ensino aprendizagem – uma forma de desconstruir determinadas hierarquias de estilos e democratizar o acesso às diferentes linguagens artísticas, seus estilos e modos de representação e ressignificação da realidade.

REFERÊNCIAS

ABNER, Elias Coelho Ferreira, No Estaleiro dos Índios: a construção de embarcações na Amazônia colonial portuguesa. *Revista Estudos Amazônicos*, Vol. XIII, nº 1, 2015.

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003.

HALL, S. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, jan./dez. 2006.

SANTANA, Ueliton. Artes plásticas no Acre, "Debate acadêmico". *Portal Unesp*, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138738/JU300.pdf?sequence=1>> Acesso em 10 de Outubro de 2017.

SILVA, Clemilton Pinheiro. *Entrevista com o artista plástico Clemilton Pinheiro da Silva*. Sena Madureira/AC, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SILVEIRA, Vassia Vanessa de e GALVÃO, Mauricio de Lara. *Nossa Terra: uma viagem ás origens da terra*. Rio Branco:Publicação da Biblioteca da Floresta, 2010.

VICENTE, João Ganzarolli de Oliveira. O que é Arte Naif ?. Rio de Janeiro, Universidade Federal, 1998. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/317007522>> Acesso em 15 de outubro de 2017.

Site consultado

<http://www.conhecendomuseus.com.br/museus/casa-povos-da-floresta/>>

Acesso em 01 de Novembro de 2017.